
FEED – O papel do jornalismo na quebra de tabus¹Ana Clara de Souza GASPARETO²Jeniffer Cristine Pimentel dos REIS³Marcela Freitas PAES⁴Natália Cristina Cordeiro do AMARAL⁵Paulo Roberto BOTÃO⁶

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

Conservadora, a sociedade brasileira considera errada ou vê com maus olhos tudo que foge do padrão. A mídia teve papel fundamental na perpetuação de estereótipos e preconceitos, criando os chamados “tabus” e ajudando o fortalecimento do conservadorismo. O objetivo deste artigo é discutir o papel do jornalismo na quebra de tabus, analisando a revista *FEED*. Os resultados mostraram que a mudança dentro dos veículos de comunicação em massa se torna necessária, para que uma informação mais correta, íntegra e coesa chegue ao interlocutor.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo impresso; tabu; feminismo; LGBT; racismo.

INTRODUÇÃO

O jornalismo oferece um espaço de destaque para minorias e/ou assuntos espinhosos, que a sociedade normalmente evita tratar. A ideologia do veículo influencia diretamente no tipo de abordagem e quem é ouvido. Segundo o dicionário Michaelis, tabu é um “assunto sobre o qual não se pode falar devido aos valores sociais ou culturais”⁷, normalmente relacionadas àqueles que fazem parte de grupos excluídos e/ou marginalizados pela sociedade por não seguir um padrão pré-determinado pela mesma. Alguns exemplos de minoria são: comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), negros, mulheres etc.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIMEP, e-mail: anacgaspareto@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Jornalismo da UNIMEP, e-mail: jeniffer.reis@outlook.com.br

⁴ Graduanda do Curso de Jornalismo da UNIMEP, e-mail: marcelafpaes@gmail.com

⁵ Graduanda do Curso de Jornalismo da UNIMEP, e-mail: nataliacordeam@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIMEP, e-mail: prbotao@unimep.br

⁷ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/palavra/dNZnk/tabu-2/>. Acesso em 02 abr. 2018.

Estes grupos podem encontrar nos veículos jornalísticos o espaço para esclarecer estereótipos, preconceitos e inverdades ou o lugar que reforça tudo isso e uma sociedade cada vez mais intolerante com o diferente. Por isso, o objetivo deste artigo é verificar o papel do jornalismo na quebra de tabus. O objeto de estudo é a revista *FEED*⁸, desenvolvida pelas alunas do oitavo semestre de jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), como trabalho de conclusão de curso, orientada pelo professor Paulo Roberto Botão. A revista e seu conteúdo foram desenvolvidos entre os meses de maio e novembro de 2017.

A proposta da revista foi utilizar métodos do jornalismo investigativo para tratar de forma justa e íntegra as histórias de pessoas pertencentes às minorias, oferecendo a representatividade que esses grupos tanto necessitam.

Este artigo está dividido em quatro partes: a primeira explica as características do jornalismo de revista. Na segunda, é apresentada a definição e a história de jornalismo investigativo, tabu e conservadorismo. Já a terceira apresenta o processo de construção, desenvolvimento e resultado final do projeto. Por último, as considerações finais.

Jornalismo de revista: História, texto e imagem

O termo “revista” começou a ser usado na Inglaterra, em 1704. Mas a primeira publicação enquadrada nessa modalidade foi a *Erbauliche Monaths-Unterredungen* (em português: *Edificantes Discussões Mensais*), lançada na Alemanha, em 1663, pois possuía artigos sobre um mesmo assunto e era direcionado a um público específico.

No Brasil, o surgimento das revistas aconteceu apenas com a vinda da família real portuguesa, no século XIX. A primeira revista brasileira foi publicada em Salvador, no ano de 1812. A “*As Variedades*” se propôs a publicar, segundo a própria, os “discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais”. No ano seguinte, surgiu “*O Patriota*” no Rio de Janeiro. Mas foi apenas no ano de 1827 que ocorreu a primeira segmentação por tema.

Segundo Patrícia Ceolin Nascimento (2002), a revista é definida sendo uma publicação com periodicidade e que tenha formato e temas diferentes. Não é igual ao jornal por causa de seu tratamento visual e textual.

⁸ Disponível em https://issuu.com/feedunimep/docs/feed_-_v4. Acesso em 02 abr. 2018.

As primeiras revistas brasileiras tinham um caráter mais institucional e erudito, tendo poucas semelhanças com as configurações atuais. Além disso, a vida dessas publicações foi curta, pelo baixo número de assinantes e pouco recurso para mantê-las. Foi apenas copiando a fórmula das magazines europeias e com a modernidade nas técnicas de impressão que o jornalismo conseguiu atrair mais leitores para as revistas.

Um dos grandes fenômenos da editoria brasileira foi a revista *O Cruzeiro*, lançada em 1928 pelo jornalista Assis Chateaubriand. O diferencial desse veículo foi a introdução de grandes reportagens, que estabeleceu uma linguagem nova para a imprensa local na época.

Nascimento (2002) indica que a revista o tratamento visual e textual diferente do jornal impresso comum e só começaram a ganhar o próprio espaço e definição no início do século XX. Vilas Boas (1996, p. 14) observa que há diferença de tempo que os repórteres de jornal e revista têm para apurar dados para uma reportagem e que o texto de revista “se propõe mais abertamente a interpretar o fato”, ou seja, oferece ao leitor uma reflexão e um ponto de vista que envolva não só o que aconteceu, mas sim o plano de fundo, seu contexto.

O autor também atribui algumas características a esse tipo de texto: sua escrita também é marcada pela segmentação, por se tratar de publicação temática e sua narrativa, por ter um maior tempo de apuração, consegue prender melhor a atenção do leitor. O escritor determina um roteiro para a produção do texto de revista: projeto, desenvolvimento, revisão e toque final.

Além disso, o autor destaca que a revista semanal deve abranger o contexto da notícia, tratando-a de forma mais ampla. Portanto, o jornalista que escreve para esse tipo de veículo deve evitar se ativer apenas ao comum e previsível. O jornalismo de revista deve visar pautas mais complexas e trabalhadas, aproveitando o deadline estendido que permite buscar novos detalhes e histórias para contar.

Para Benetti (2013), o que constitui o jornalismo de revista são os temas de longa duração, podendo ser debatidos por espaço de tempo maior do que um jornal, por exemplo. De acordo com a autora, o jornalismo é o sujeito que determina o que é atual e que a revista estende a “noção do presente”, deixando de ser apenas o novo e sim o contemporâneo. Ela também trabalha a relação com o leitor por meio de experiências (definido como “conhecimento relevante”) e com o lado emocional, mostrando o porquê da necessidade de debater determinado tema e instaurar o sentimento de

pertencimento de quem lê. E o que pauta esse tipo de jornalismo é justamente o vínculo emocional com o leitor. Esse sentimento pode se intensificar ao analisar revistas especializadas (ou segmentadas por interesse), pois o conteúdo dela será condizente com a linha editorial do veículo.

Ali (2009) conceitua o design como a forma de transmitir as ideias das páginas de revista para a mente do leitor de forma clara, silenciosa e memorável. O resultado da junção da imagem e texto é o que leva o conteúdo da matéria para quem lê. A autora também defende que as imagens são imbatíveis em poder de comunicação quando associadas com palavras. As fotografias utilizadas nesse tipo de reportagem têm como função despertar a curiosidade do leitor para o texto.

O design da revista também possui suas características próprias, sendo personalizadas para seu público alvo.

O leitor não separa texto da arte – para ele, a revista é uma estrutura única. A maioria folheia as páginas e detém-se ao encontrar algo que lhe interesse. Isso requer que as informações-chave sejam percebidas num olhar, para ajudá-lo a tomar sua decisão. (ALI, 2009, p. 96)

Alexey Brodovitch e o Mehemed Fehmy Agha fizeram história ao redefinir o papel dos diretores de arte em seus trabalhos nas famosas *Vogue* e *Harper's Bazaar*, quando utilizaram a página dupla como elemento horizontal e ignorar a junção de páginas.

Jornalismo investigativo, tabus e conservadorismo

Pode parecer redundante, já que – em tese – todas as formas de jornalismo deveriam ser de cunho investigativo. Entretanto, a falta de investigação e comodismo por parte da classe jornalística, apresenta ao público matérias feitas apenas por telefone, com dados da internet ou releases enviados por assessorias de imprensa. Para Fontes (2005), o jornalismo investigativo vai além do publicar uma notícia, é o resultado de uma investigação que demanda certa apuração do jornalista. Para ele, não há mais a corrida pelo furo e “muitas das reportagens vendidas ao público como fruto de jornalismo (...) não passaram nem perto de uma investigação” (FORTES, p. 10).

...embora qualquer prática jornalística pressuponha alguma investigação, há uma categoria que se diferencia das outras – pelo processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais – definida como jornalismo investigativo. (Sequeira, 2005, p. 15)

Também segundo a autora, o jornalismo investigativo surgiu nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, mas o primeiro grande fruto da prática foi o Caso *Watergate*, série de matérias publicadas no *The Washington Post* em 1972 por Bob Woodward e Carl Bernstein. A apuração dos profissionais resultou na renúncia do ex-presidente norte americano Richard Nixon. No Brasil, o jornalismo investigativo surgiu em 1975, no processo de abertura política.

Os temas desse tipo de matéria, segundo Burgh (2008), envolvem assuntos que, segundo o jornalista investigativo, todos devem saber. Ele também afirma que esse jornalismo procura a versão mais completa da realidade.

Um dos diferenciais do jornalismo investigativo, de acordo com Sequeira (2005), é o esmiuçar dos acontecimentos, denúncias de situações que prejudiquem a sociedade e o não se limitarem a apenas informar o fato. Já para Caco Barcellos, esse jornalismo não é focado somente em denúncias. Em entrevista, o repórter comentou que “independentemente se você estiver cobrindo um fato que envolva a denúncia contra a honra de alguém ou um elogio a alguém, eu acho que é igual, você tem que ter a postura ativa de apuração, com própria independente”.

Sequeira também define jornalismo investigativo como:

Gênero que busca uma informação que grupos sociais de poder que querem esconder, pressupõe-se que o repórter investigativo busca um fato que alguém não deseja divulgar, ficando explícito que o repórter caminha em direção a uma meta, um propósito, que é a verdade dos fatos. (SEQUEIRA, 2005, p. 70)

É possível comparar esses fatos que “alguém não deseja divulgar” aos tabus, assuntos espinhosos e considerados intocáveis por muitos. A sociedade é controlada por grupos opressores: homens, brancos, ricos, heterossexuais etc., a postura e os princípios daqueles que a regulam são conservadores.

O diferente incomoda, amedronta. Em seu artigo, Silva, Brittes, Oliveira e Borri (2014) comentam sobre o comportamento e ideologia dos conservadores, que fazem parte do grupo de direita ou extrema-direita:

Uma análise um pouco mais detida dos princípios, regimentos e documentos publicados pelas entidades e grupos de extrema-direita indica a afirmação do conservadorismo e de valores do humanismo abstrato: defesa da vida, da família, da paz social e da harmonia. No entanto, todos, sem exceção, defendem como direito natural a propriedade privada, que inclui os meios de produção obviamente,

fundamento da desigualdade na ordem do capital. Indicam também traços xenofóbicos e segregadores, pois sempre identificam um outro como inimigo desses valores, em sua maioria comunistas, estrangeiros, imigrantes, negros e homossexuais. À mulher não é reservado nenhum papel ou lugar público e de liderança. (BORRI; BRITTES; OLIVEIRA; SILVA, n.p., 2014)

Barroco (2015) também discorre sobre o tema:

A ofensiva (neo)conservadora atinge diferentes dimensões da realidade, contando com grande chance de incorporação por atividades sociais que prescindem da razão em decorrência da crença em dogmas, a exemplo das religiões. Nesse sentido, quando se trata de avaliar questões que remetem a valores morais, os (neo)conservadores são moralistas, ou seja, intolerantes, preconceituosos e, no limite, fundamentalistas. (...) A intolerância e o racismo institucional perpassam pela formação e pelo exercício profissional. O irracionalismo penetra nas universidades através do dogmatismo¹⁶ e do pensamento pós-moderno. Este contribui, ao lado do neopositivismo, para o empobrecimento da crítica, para a subjetivação da história e a naturalização das desigualdades, facilitando a transferência dos conflitos para o imaginário, fortalecendo a resignação e o pessimismo em face da realidade. (BARROCO, n.p., 2015)

Portanto, dar voz às minorias, tratar de temas que promovam a consciência sobre a igualdade e a empatia incomoda essas pessoas, pois ameaça o nível de controle e opressão construído por quem rege a sociedade. Afinal, o debate resulta em reflexão, eliminando preconceitos e construindo uma convivência mais humana e igualitária.

Assim, esses assuntos viram tabus: as pessoas se sentem desconfortáveis em tocar neles porque a sociedade considera errada e condena e exclui aqueles que não se encaixam no padrão criado, seja de corpo, orientação sexual, etnia etc. É nesse momento que o jornalismo investigativo precisa intervir, dando visibilidade àqueles que precisam e não reforçar os “rótulos” preconceituosos impostos.

Em outra entrevista, Barcellos comenta sobre a importância da postura do jornalista nessas situações:

Quando um jovem da periferia é morto, os jornalistas fazem a notícia e dizem que a pessoa não tinha passagem pela polícia. Eu fico me perguntando o motivo de o repórter ter dado essa informação, ter buscado por ela. Se fosse um médico assassinado, o mesmo jornalista não iria buscar os antecedentes criminais da vítima. Concordam que a maneira como a notícia é feita pode alimentar e ressaltar preconceitos? (BARCELLOS, 2016, n.p.)

Então, além de abordar e quebrar os tabus, os jornalistas precisam apurar as informações para passar ao público as informações de forma correta e íntegra, desmistificando e se aprofundando didaticamente em questões discutidas nas mídias e redes sociais.

***FEED* – O jornalismo quebrando tabus**

Produzida pelas alunas do sexto e oitavo semestre de Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), a revista *FEED* é um trabalho de conclusão de curso. Seu nome, que significa “alimentar” em inglês, vem de “*feed* de notícias”, referência ao fluxo de informações constantes e globais que as redes sociais recebem diariamente. A revista foi idealizada para o público que goste de entender e ver outros pontos de vista sobre assuntos considerados tabus.

A linha editorial da *FEED* consiste em promover debates sobre temas polêmicos e geralmente adversos aos pensamentos da sociedade conservadora atual, trazendo em cada edição diversos temas tabus e pautas atuais, tendo um tema com maior destaque a cada publicação.

Em maio de 2017, foi apresentado o projeto editorial da revista *FEED* na sala do 3º semestre do curso de Design Gráfico da universidade, para que os alunos realizassem um trabalho de diagramação com base no projeto, para a disciplina Design Editorial. Depois de feitos, as propostas de projetos gráficos eram encaminhadas para o orientador do projeto, Paulo Roberto Botão, que repassou para a análise das alunas. Em reunião feita em agosto do mesmo ano entre as integrantes do grupo, foi decidida qual opção se adaptava melhor à ideia editorial e gráfica pensada para o trabalho.

O projeto vencedor conta com características únicas, como o logo com os dois “e” conectados, fazendo ilusão ao infinito (como a atualização contínua das informações nas redes sociais), o tom vermelho dominando a edição, que foi pensado para fazer referência à violência contra a mulher e os elementos gráficos, como colagens e ilustrações, que buscavam chamar a atenção do leitor, principalmente do público jovem. As editoriais eram escritas em uma arte parecida com uma barra de pesquisa online.



Imagem 1: Composição e resultado - Logo *FEED*



Imagem 2: Exemplo de colagem – edição piloto *FEED*

Então, no fim de agosto, começaram as reuniões para fechamento da pauta da primeira edição da revista. Como focado desde o início, a ideia eram matérias tabus – com maior relação ao sexo. Após decidir quais temas desse segmento seriam abordadas, foram escolhidos outros temas atuais que também representassem algum tabu na sociedade.

Em setembro, com as pautas em mãos, cada aluna começou a procurar suas fontes para as matérias, para em seguida escrever as primeiras versões do texto, avaliadas e corrigidas pelo orientador. As reuniões aconteceriam todas as quartas-feiras na FCI (Faculdade de Comunicação e Informática) da Unimep. Além dos textos, as fotos e ilustrações de cada pauta eram decididas pelas integrantes e professor. Quando aprovada, as fotos eram marcadas com as devidas fontes.

Depois de aprovado, os textos e imagens eram encaminhados aos alunos de Design responsáveis pela diagramação da revista. As matérias, em conjunto com as fotos, eram liberadas aos poucos, para que não sobrecarregassem ambas as partes envolvidas. Cada página precisou passar pela aprovação tanto das alunas quanto do orientador. A *FEED* foi finalizada e enviada para impressão na gráfica em novembro.

A edição piloto da revista *FEED* possui 52 páginas, contando com capa e contracapa.

As pautas foram:

1. O que é tabu?
2. Linha do tempo da história do negro no Brasil;
3. A influência da religião na política;
4. Preconceito com funk;
5. O que é ser saudável e seus limites;
6. Apetrechos sexuais;
7. Objetificação do sexo lésbico;
8. A indústria pornográfica.

Os temas das editorias fixas dessa edição são:

- **Ela:** Artigo sobre o racismo velado assinado pela jornalista Valda Rocha;
- **Resenha:** Análise do CD “A Danada Sou Eu”, da cantora Ludmilla;
- **Perfil:** Entrevista com a *drag queen* Nenny Park, interpretada por Gabriel Nieves;

- **Making off:** Texto assinado pelos diagramadores da *FEED* (os alunos de Design Gráfico da Unimep, Alan Balarim, Caio Pousa e Gustavo Rodrigues) sobre a criação do projeto gráfico da revista;
- **Na Rede:** Opinião de pessoas nas redes sociais sobre os casos de assédio sexual em Hollywood desencadeado pelas denúncias contra o produtor cinematográfico norte-americano Harvey Weinstein;
- **O que eu penso?:** Artigo de opinião assinado pelas alunas sobre o impacto da cultura do sexo na sociedade.

A capa da revista trás como matéria principal as consequências sombrias da pornografia, como a romantização da violência e a desumanização da mulher. Como chamadas secundárias, os tabus abordados foram o racismo que perdura até os dias atuais, a lenda do estado laico brasileiro e o padrão estético criado pela sociedade e o que é ser saudável de fato.



Imagem 4: Capa da edição piloto da revista *FEED*

Uma das características marcantes dessa revista é o uso de fotos, diagramação e ilustrações como fator chocante, propondo ao leitor uma reflexão sobre o tema abordado. Por exemplo, para a matéria sobre a pornografia, a intenção não era ilustrar com fotos de mau gosto ou explícitas, mas algo que passasse a imagem da violência contra a mulher que acontece nessa indústria. Já na matéria sobre a história do negro no Brasil, a diagramação das páginas foi diferente do resto da revista, com tons de cor e itens que remetessem à época da escravidão.



Imagem 5: Abre da matéria sobre pornografia “Prazer ou exploração?” – edição piloto revista *FEED*



Imagem 6: Matéria “Dias de luta”, que conta a trajetória do negro no Brasil – edição piloto revista *FEED*



Imagem 7: Charge da matéria “Entre a cruz e a constituição” – edição piloto revista *FEED*

Todas as pautas foram planejadas e escolhidas para confrontar algum tipo de preconceito e, principalmente, dar voz e espaço para as minorias contarem o seu lado da história. As alunas mergulharam no processo de apuração, viajando para Curitiba e Rio de Janeiro para se encontrar com algumas das fontes, além das entrevistas com pessoas da região de Piracicaba.

A revista foi apresentada para a banca em dezembro de 2017 e logo depois disponibilizada online, para que todos tivessem acesso a seu conteúdo.

Considerações finais

O jornalismo precisa confrontar os paradigmas preconceituosos impostos por mentes guiadas pelo conservadorismo, não reforçá-los. Caco Barcellos, em entrevista realizada, em 2016, no 11º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, comentou sobre a diferença de tratamento das vítimas nas notícias e como isso reforça os preconceitos.

Quando um jovem da periferia é morto, os jornalistas fazem a notícia e dizem que a pessoa não tinha passagem pela polícia. Eu fico me perguntando o motivo de o repórter ter dado essa informação, ter buscado por ela. Se fosse um médico assassinado, o mesmo jornalista não iria buscar os antecedentes criminais da vítima. Concordam que a maneira como a notícia é feita pode alimentar e ressaltar preconceitos? (BARCELLOS, 2016)

O cuidado de retratar uma realidade que não é abordada pela mídia convencional foi uma das preocupações e, ao mesmo tempo, motivação das estudantes, também parte de minorias. Outro diferencial do trabalho das alunas foi sobre o fato que elas permitiram que as fontes contassem suas histórias, pontos de vista e vivências, sem nenhum tipo de interferência ou manipulação.

Também conhecido como quarto poder, o jornalismo tem poder fundamental na formação da opinião pública. Portanto, a forma como um fato é noticiado é crucial para a manutenção de um sistema opressivo ou a quebra de padrões e tabus.

A revista *FEED*, mesmo sendo um trabalho de conclusão de curso, buscou mostrar como o jornalismo investigativo pode ser bom para a questão de representatividade, empatia e defesa dos direitos humanos, todos os quesitos rechaçados pela ala conservadora da sociedade. O trabalho tentou humanizar as fontes e mostrar o quão importante é o papel do jornalismo nessa batalha contra o conservadorismo.

REFERÊNCIAS

- ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2009.
- BARCELLOS, Caco. Entrevista realizada em 20 de maio de 2008 na cidade de Fortaleza.
- BARCELLOS, Caco. Entrevista realizada em junho de 2016 no 11º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo na cidade de São Paulo.
- BARROCO, Maria Lúcia S. **Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social**. Revista Serviço Social e Sociedade. Edição 124. São Paulo: 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000400623&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 abr. 2018.
- BENETTI, Márcia. **Revista e jornalismo: conceitos e particularidades**. In: A revista e seu jornalismo. TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges (orgs.). Porto Alegre: Penso, 2013.
- BRITTES, Cristina Maria; BORRI, Giovanna Teixeira; Oliveira, Eliane de Cássia Rosa; Silva, Adriana Brito de. **A extrema-direita na atualidade**. Revista Serviço Social e Sociedade. Edição 119. São Paulo: 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282014000300002. Acesso em 03 abr. 2018.
- BURGH, Hugo De. **Jornalismo Investigativo: Contexto e Prática**. São Paulo: Roca, 2008.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: http://upf.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572442863/pages/_1. Acesso em 03 abr. 2018.
- NASCIMENTO, Patrícia C. **Jornalismo em revistas no Brasil: Um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Editora Annablume, 2002.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo – o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.
- VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine – O texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.